

ENTRE A CASA, AS RUAS E AS INSTITUIÇÕES: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA NAS VIDAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO RIO DE JANEIRO

Irene Rizzini¹

Udi Mandel Butler²

Paula Caldeira³

Alexandre Bárbara Soares⁴

Resumo:

Este texto originou-se de uma pesquisa conduzida no Rio de Janeiro com o objetivo de dar voz a crianças e adolescentes que se encontram nas ruas e em diversos tipos de instituições (1). Embora estas crianças sejam normalmente designadas de *meninos (as) de rua*, suas trajetórias de vida revelam que a rua constitui apenas um de seus locais de passagem e moradia. Como veremos, na maior parte do tempo eles circulam entre sua casa ou de seus familiares e conhecidos, as ruas e diferentes instituições sem que encontrem a proteção e os cuidados que necessitam. Seus depoimentos nos mostram que eles têm plena consciência de que são discriminados e vistos com desprezo. Suas histórias são marcadas por episódios de violência e ruptura de seus elos afetivos. Os autores argumentam que muitos destes episódios poderiam ser evitados se existissem melhores estruturas de apoio às famílias e às comunidades das crianças que nascem em condições de pobreza.

Palavras-Chave: crianças e adolescentes; contextos de pobreza e violência; trajetórias de vida.

¹ Professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e Diretora do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância - CIESPI.

² Antropólogo e pesquisador do CIESPI.

³ Cientista Social e pesquisadora do CIESPI.

⁴ Psicólogo e pesquisador do CIESPI.

Abstract:

This text is based on a study carried out in Rio de Janeiro with the purpose of allowing children and adolescents who are on the streets or living in institutions to express their voices. Even though these children are known as *street kids*, their life trajectories show that the streets are only one of the places where they spend time or live on. As we will discuss in this paper, they spend most of their time circulating from their family homes, to the streets and to several institutions, not finding the protection and the care they need. Their testimonies reveal that they are perfectly aware of the fact that they are seen with discrimination and despise. Their life histories are full of episodes of violence and broken ties. The authors conclude that many of these episodes affecting the lives of children who are born in poverty could be prevented had there been services to provide support to their families and communities.

Keywords: children and adolescents; contexts of poverty and violence; life trajectories.

Introduzindo o tema

Inspirados nos relatos de quatro adolescentes por nós selecionados (2), analisaremos neste texto alguns aspectos que marcam as histórias de inúmeros outros jovens que vemos circulando entre a casa, as ruas e as instituições nos espaços urbanos. Gostaríamos de destacar que estas trajetórias resultam tanto das condições de pobreza e adversidade nas quais estas crianças nascem, como também de omissões e falhas por parte de organizações e profissionais cuja atribuição pública seria a de proteger a criança. A incapacidade do país de prover condições adequadas às famílias para que possam prover os cuidados de que seus filhos necessitam tem levado um número incontável de crianças a situações que põem em risco o seu desenvolvimento e até mesmo suas vidas.

Os adolescentes que focalizamos neste texto fazem parte de um contingente maior de indivíduos que são deslocados ou exilados de seus contextos de origem. Eles representam um exemplo claro das contradições de nossos tempos entre o discurso de direitos e a real situação de agravamento das desigualdades sócio-econômicas. Defende-se o direito que as crianças e os adolescentes têm à convivência familiar e comunitária, porém não se lhes asseguram condições mínimas para que pos-

sam sobreviver dignamente e permanecer em seus lares (3). Pelo contrário, como constatamos nos relatos de suas vidas, eles parecem já nascer sem lugar no mundo. Suas vidas são marcadas, desde o início, por circunstâncias desumanas que vão compondo o pano de fundo de suas trajetórias. Como veremos, suas histórias são pautadas pela pobreza e por episódios de violência e toda sorte de violação de direitos.

As histórias de vida de Alan, Rai, Ruth e Sandra

Alan, Rai, Ruth e Sandra vivem há alguns anos em “situação de rua” – ou seja, vivem uma parte de seu tempo pelas ruas. Suas trajetórias de vida serão apresentadas, procurando-se ser o mais fiel possível às suas palavras. Quando iniciamos o estudo, tínhamos em mente possibilitar que os adolescentes expressassem seus pensamentos da forma que desejassem, com o propósito de melhor compreendermos os aspectos subjetivos de suas histórias. Os adolescentes entrevistados revelam suas perspectivas sobre diversas passagens de suas vidas; eles relembram episódios alegres e tristes; falam sobre as relações significativas que os marcaram, seus sonhos, expectativas e visões de futuro.

Em sua essência, a proposta de realização deste estudo é extrair das histórias elementos que permitam melhor subsidiar políticas e práticas capazes de responder mais adequada e efetivamente às demandas deste grupo social. Nossa intenção é contribuir para o bem-estar de muitos outros, que estão por seguir os passos de Alan, Rai, Ruth e Sandra, evitando que suas trajetórias sejam tidas como inevitáveis e se perpetuem como se nada pudesse ser feito para mudá-las.

A história de Alan, 15 anos

Barra, Maracanã, Tijuca, Vila Isabel, Copacabana, Botafogo, Flamengo, Lapa ... Alan aprendeu, na marra, a andar com desenvoltura pela cidade, desde que fugiu de casa, aos 13 anos de idade. O motivo alegado foi a separação dos pais. Alan não tem irmãos. Suas andanças pela cidade somam, além dos vários bairros, a passagem por diversas instituições, entre elas, abrigos, casas de acolhida, instituições sócio-educativas, de privação de liberdade e delegacias.

O percurso parece longo para quem tem apenas 15 anos de idade. Corpo jovem, que já traz duas marcas, citadas por Alan, mal a entrevista começa – sinal da importância que representam: a primeira

marca é uma tatuagem, símbolo da sua facção e de seus amigos de infância. A facção do tráfico de drogas que comanda o morro em que nasceu. A segunda marca, involuntária, foi feita à bala, fruto de uma troca de tiros com policiais, na época em que trabalhava para o pai, seu gerente no tráfico de drogas. Com estas palavras, Alan nos conta o que aconteceu:

“O fogueteiro já tinha soltado os fogos, aí falou: - corre mané, os cara tão aí. Eu corri, mas os cara (policiais) me cercou num beco, um de cada lado. Quando eu tentei entrar numa casa, um me baleou. Eu caí no chão. Só senti tonteira. Eles foram embora. Eu levantei, corri pra mata e fiquei lá. Depois de meia hora os moleque me buscaram e me levaram prum hospital bem longe, pros polícia daqui não saber. Eles já tinham avisado todos os hospital aqui de baixo, da cidade, que se entrasse um moleque baleado era pra deixar lá. Aí eles iam me algemar e me levar”.

Alan acredita já ter sido “preso”, como diz - ou seja, ter cumprido medida em instituição de privação de liberdade - pelo menos sete vezes. Os motivos: roubo de celular, roubo de carro, tentativa de assassinato (baleou um policial numa tentativa de fuga, após ser flagrado roubando o tal carro), tráfico de drogas. Numa delas permaneceu um ano e quatro meses. Sobre esta experiência, Alan relata:

“Passei natal, ano novo e carnaval preso. Já tava ficando maluco lá dentro. Achei que nunca mais ia sair de lá. Pensei que o juiz ia me esquecer lá, preso. O dia mais feliz da minha vida foi a minha liberdade.”

Nessas instituições, conheceu todo o tipo de tortura. Foi colocado propositalmente numa “cela” (como ele denominou) ocupada por rapazes da facção rival à sua. Apanhou dos funcionários responsáveis pelos internos. Era trancado com mais outros quarenta o dia inteiro, sem poder sair: *“De dia ficava abafado. Não passava nem vento. Nós nem falava direito, pro ar poder entrar.”*

Alan nos diz que não parava em lugar nenhum. Fugia até mesmo das instituições onde era bem tratado, daquelas cujos funcionários lembrava com carinho, por lhe terem dado apoio e conselhos. O vínculo com a rua, com o tráfico de drogas, com as drogas, se sobrepõem aos elos frágeis, inconsistentes, apenas esboçados dentro dos abrigos ou casas de acolhida. Através de seu relato, estas institui-

ções eram, com frequência, utilizadas como proteção às ameaças, perigos ou contra o frio das ruas. A família era também procurada apenas esporadicamente: *“Não vejo minha mãe há um tempão. A minha avó eu visito, de vez em quando.”*

A cola, o thinner, a maconha, a cocaína, mantinham Alan nas ruas.

Apesar de tudo isso, Alan tinha sonhos e planos para o futuro. Ele queria continuar a estudar; completar a 7ª série, e depois finalizar o Ensino Fundamental. Nas suas palavras:

“Meu sonho é parar com a vida de drogas, parar de ficar na rua. Ir pr’uma casa de acolhida, estudar, ter o 1º grau completo pra mim, quando ficar ‘de maior’, poder arrumar um emprego. Comprar uma casa, reconstruir minha vida.”

E completa: *“Meu futuro vai ser Deus e a minha força de vontade. Basta eu querer ...”*

A história de Raí, 15 anos

“Ah, minha vida foi...foi ruim”. Assim resume Raí. Sua trajetória é marcada por inúmeras rupturas. A primeira dá-se aos dois anos de idade. O pai e a mãe de Raí brigavam muito. Numa dessas brigas, após ter apanhado novamente, a mãe foge de casa. Raí lembra que é deixado com sua irmã de 4 anos e um irmão de 7 anos, na casa *“de uma mulher”*. Raí comenta que a mãe já tentara fugir do companheiro outras vezes. A atitude da mãe provoca uma mágoa imensa no menino. Suas palavras são duras: *“Meu pai bateu nela, foi eu e minha irmã que levou a culpa. Ela me abandonou. Me deixou na casa da mulher e até hoje não voltou. Eu sei onde ela está, mas eu não tenho contato com ela não, que eu não gosto dela. Eu tenho ódio dela. Nada vai mudar o que eu sinto pela minha mãe. Só o que eu quero é que ela viva a vida dela de um lado e eu do outro”.*

Raí diz ter sofrido violência física com os irmãos na casa em que foram deixados. O irmão mais velho consegue fugir. Raí e a irmã tentam fugir também. Procuram uma tia por parte de pai, que no entanto os leva de volta. Tentam novamente. Desta segunda vez procuram a mesma tia que os entrega então a um *“orfanato”*. *“Foi o orfanato que me criou”*, diz Raí. Esta tia volta para buscá-los quando Raí já está com 10 anos de idade. Não queria sair do orfanato, onde diz ter sido feliz. Conta que lá

havia muitos passeios à cachoeiras, praias. Chorou muito, pediu, mas nada adiantou. É levado para a casa da avó paterna. A irmã volta a morar com a mãe, onde está até hoje, *“só porque ela não tem mais para onde ir”*, diz Raí. Hoje em dia ele mantém contato com a irmã por telefone.

Raí não conseguiu adaptar-se na casa dos avós. Sentia-se preso. Diz que era obrigado a ir para a igreja, para a escola, e quase não podia brincar. Apesar de gostar da avó, permaneceu com ela apenas pouco mais de um mês. Atualmente vai visitá-la, mas só aos sábados e domingos, *“pra passar a tarde”*, como ele diz.

Durante esse tempo em que viveu com os avós, algo muito importante acontece. Depois de passar sete anos preso, o pai de Raí vem ao seu encontro. *“Ele chegou à noite, eu já tava dormindo. Minha vó me acordou pra falar que o meu pai tava ali. Eu não acreditava que era meu pai porque eu nem conhecia ele direito. Aí que minha vó me explicou que ele tinha sido preso. Na minha cabeça meu pai já tinha morrido. Aí que eu fui conhecer ele”*. Era o mês do Natal, e passaram juntos. A alegria porém, durou pouco. Antes do Ano Novo, o pai de Raí foi assassinado pela polícia, numa troca de tiros com os traficantes da comunidade. Raí diz que isto foi a pior coisa que aconteceu em sua vida. Em seu mundo, o pai ainda é a pessoa mais importante.

Quando estava vivo, o pai de Raí o levou para conhecer seus amigos no tráfico de drogas. Raí começa a ir para o “movimento” todos os dias, até passar a também fazer parte dele. *“Eu já sabia como era porque eu via muitas pessoa fazendo, aí eu fui aprendendo. Era só passar a droga no morro e passar o dinheiro pro dono. Ganhava R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) por semana, dependendo”*. Metade para ele, metade para o dono da “boca”. Vendia maconha e cocaína.

O irmão mais velho trabalha no tráfico, até hoje. Esse foi seu caminho após ter fugido da casa da mulher na qual a mãe o abandonou. Mora com a esposa numa casa que Raí diz ter sido comprada pelo pai. Raí chegou a morar com eles, nas não continuou por não ter conseguido um bom relacionamento com a cunhada.

De qualquer forma, hoje Raí está banido de sua comunidade. No tráfico, andava armado e já trocava tiros com policiais. Chegou a ser ferido uma vez com um tiro na coxa. Estava com 11 anos. Agora deve R\$1.000,00 (mil reais) aos traficantes, e só pode voltar com o dinheiro na mão: foi pego pela polícia com uma sacola de maconha e uma pistola.

O juiz deu a sentença de um ano e três meses, que teria de ser cumprida numa Instituição de Privação de Liberdade. *“Isso aí é a pior cadeia que eu já passei”*, diz Raí. É assim que chama todas as instituições do sistema sócio-educativo: “cadeia”. Cumprida a sentença, Raí vai para as ruas tentar conseguir o dinheiro do tráfico – que deve até hoje. A partir de então, sua vida passa a ser um rodízio constante entre as ruas, as “cadeias” e várias instituições de atendimento a crianças e adolescentes. Chegou a procurar um juiz para reclamar seu direito de entrar num abrigo que não queria aceitá-lo (devido ao seu histórico): *“Os abrigo foi feito pra aceitar de menor”*. Recorre a eles quando a rua se torna insuportável: *“Quando tamo passando muita necessidade na rua, quando já não tá dando mais pra ficar, aí eu vou”*.

Raí descobre que a rua não era como imaginava. *“Na rua a gente sofre muito, a vida é muito pior”*, afirma. Ao invés de andar arrumado, de conseguir tudo fácil, como pensava, conhece a fome, a violência da polícia e dos outros meninos, o desprezo e toda sorte de agressões: *“Algumas pessoa passava e xingava, mandava a gente arranjar trabalho. Como?! Se até pra quem tem estudo é difícil arranjar trabalho!”* Raí estudou até a 6ª série do Ensino Fundamental (14 anos), um pouco em cada instituição pelas quais passou, mas tem dificuldade em escrever frases simples. Conclui então que o jeito mesmo é roubar, apesar das conseqüências. Raí já foi “preso” nove vezes. Ao todo, acha que já passou três dos seus quinze anos em “cadeias”. Com o dinheiro que conseguia roubando, comprava cola e maconha. A maconha começou a usar ainda na comunidade. A cola aprendeu a usar na rua. Disse que se droga para esquecer das coisas que já haviam acontecido com ele, para tentar esquecer a morte do pai, de quem gostava muito, de quem lembrava muito.

Não esquece também episódios de violência perpetrados pela polícia. Diz estar ali, no abrigo em que nos dá a entrevista, porque havia sido jurado na rua há poucos dias: ao revidar atirando pedras contra policiais que tomaram sua cola, Raí é ameaçado. Os policiais disseram que se o pegarem na rua novamente, o matarão.

Um ano antes, Raí diz ter sido “pego” com mais dois meninos por guardas municipais. Depois de terem sido espancados, foram “largados” perto de um hospital. No dia seguinte os três meninos procuraram o juiz. Raí disse ter tirado fotos, ter aparecido nos jornais. O maior medo de Raí é ser morto pela polícia à noite, enquanto dorme.

Mas não é só na rua que se corre perigo. Raí também teme as invasões do tráfico dentro dos abrigos. Afirmar que se o abrigo estiver localizado em uma área pertencente a uma determinada facção, e a maioria dos meninos abrigados forem provenientes de áreas da facção rival, estão sujeitos a serem o abrigo invadido.

A vida institucional de Raí é extensa. Enumerou treze lugares entre abrigos, instituições do sistema sócio-educativo, casas de triagem e de acolhida pelos quais passou. É impossível definir a seqüência cronológica destas passagens com precisão. A ordem dos acontecimentos é confusa. Cada memória vem carregada de emoções. Muitos lugares são citados mais de uma vez. A cada um Raí levanta os prós e os contras, o que era bom e o que era ruim. Porém, mesmo nos lugares que considera bons, nada consegue demovê-lo da vontade de fugir. Sua mobilidade é constante. A impressão que dá é que sente falta de carinho, de atenção, de ser ouvido. Lembra carinhosamente de duas educadoras que o trataram com amor. Uma delas considera como mãe, diz ele, apesar de não terem mais contato. Parece que os poucos elos que conseguiu construir ao longo de sua vida – as duas educadoras, a irmã e a avó de quem fala com carinho – são insuficientes para que ele interrompa esse processo de fuga constante. A todo momento Raí diz não gostar de ficar em um só lugar por muito tempo. Tudo fica chato e ele precisa ir embora. Essa dificuldade de adaptação onde quer que se encontre nos faz pensar que ele se sente sem lugar no mundo.

Raí diz que pede a Deus coragem para mudar sua vida. Diz não ter muita coragem para arranjar emprego, pedir, perguntar. A única vez em que trabalhou (fora o tráfico), conseguiu ficar quatro ou cinco meses. *“Tirava xérox, levava processo”*, na Promotoria Geral do Município.

“Criar família” também parece ser algo muito importante para Raí. A melhor recordação que Raí guarda na memória, é a de uma foto, da qual a tia fez um pequeno quadro. Nela, Raí, ainda bem pequeno, está cercado por seu pai e sua mãe.

Sobre o futuro, Raí não tem muitas certezas. Diz querer ser paraquedista, mas logo lembra das várias “prisões”, e então lamenta achar que não pode mais servir ao exército. Diz então querer ser jogador de futebol. Na sua opinião, o futuro depende sobretudo dele: *“Quem pode me ajudar é só eu. Só eu mudando minha vida mesmo.”*

A história de Ruth, 16 anos

A mãe de Ruth faleceu quando ela era ainda recém-nascida. Também não se lembra do pai, que está preso até o momento. Ruth morava com os avós até os 11 anos de idade, quando o avô morreu. *“Ele é que me dava carinho, ele era tudo pra mim”*, diz Ruth. Depois disso, não quis ficar mais em casa. Disse que sua avó passou a beber e a bater nela. *“Ela ficou outra pessoa”*, conta. Nessa época, ela cursava a 3ª série do Ensino Fundamental.

Ao sair de casa, Ruth foi viver com uma família que morava perto da casa de sua avó. Formada por mãe e três filhos (14, 13 e 02 anos de idade), esta família só retornava à casa, na verdade, aos domingos. De segunda-feira à sábado, vendiam velas e pediam dinheiro nas ruas, nas portas de igrejas. Através deles, Ruth conhece as ruas da cidade:

“Fui parar na rua junto com eles. Comecei a conhecer as pessoas da rua, os garotos, as garotas, fui me misturando.”

Ruth deixa então de freqüentar a escola, por não conseguir conciliar a vida nas ruas, com a rotina escolar.

É através deles também que conhece as drogas:

“Os filhos dela usava cola, maconha. Comecei também a usar.”

Longe de culpabilizar essa família, podemos visualizar claramente como a crueza da miséria é eficiente ao arrastar mais vidas. Ruth procurou apoio, carinho, laços afetivos em outra família. Se esta família, disposta a dar-lhe o que procurava, não estivesse em tal estado de necessidade, se esta família não tivesse que esmolar nas ruas, talvez Ruth, hoje, possuísse uma história diferente.

Nas ruas Ruth conhece a violência, o frio, a exploração sexual a que estão submetidas as meninas (e os meninos), desde a mais tenra idade:

“Os cara de casa mesmo, que moram nos prédios, tão abusando das meninas. Falam pras garotas fazer sexo, falam que vai dar 1 real, 10 reais. Tem umas que aceita e umas que não”, denuncia Ruth.

E complementa:

“Uma vez eu tava com mais três colegas. Aí veio dois caras que queria fazer relações sexuais com elas, sendo que elas não queriam. Aí eles bateram nelas. Eu tinha 11 anos”.

Com o recolhimento (procedimento efetuado pelos profissionais da prefeitura e do estado do Rio de Janeiro, que consiste em levar as crianças/adolescentes em situação de rua para as instituições destinadas ao seu atendimento), Ruth conheceu os abrigos e casas de acolhida, os quais aprendeu a procurar sozinha, sempre que precisava (chuva, frio, proteção, etc). Demonstra uma certa decepção contrastante com o que esperava, de certo, encontrar nesses lugares. Fala do descaso com a educação em alguns deles.

“Lá só tinha uma horinha pra estudar. Davam uma folha, um lápis, passavam só um ‘negocinho’ e nem explicavam direito.”

A educação para ela tem uma importância muito evidente. Ruth utiliza como critério para classificar uma instituição como “boa” ou não, o fato desta oferecer, ou não, a oportunidade de estudar. Assim ela descreve uma das casas de acolhida pelas quais passou:

“Lá eu fui bem recebida. Gostei, me botaram na escola. Mas a droga tava mexendo com a minha cabeça. Não conseguia parar num lugar, tinha que ir procurar a droga. Eu fugi. Larguei a escola, larguei tudo”.

Ruth só consegue livrar-se do vício com uma ajuda especial: uma certa moça, Luiza, a vê na rua, pedindo dinheiro. Senta na calçada e conversa com ela. Leva-a para sua casa.

“Era só para tomar banho, mas acabou que ela me deixou ficar lá”, lembra Ruth. Ela conta:

“A Luiza me deu escola. Me tratou como se eu fosse filha dela. Foi lá que eu parei de usar drogas. Eu pensei que usando drogas eu ia esquecer tudo. Quando eu comecei a usar maconha, eu achei que era mil maravilhas, só vivia rindo. Na cola eu ficava viajando, ficava na onda. Já tava ficando seca, magra. Mas depois acabava (o efeito) e eu lembrava de tudo, de novo. A Luiza me ajudou, me botou na psicóloga. Na escola as pessoas também me ajudavam. Foi difícil. Eu passava na rua e via as pessoa usando. Aí me dava vontade, mas eu não chegava perto. Eu pensei pra mim mesmo que eu não quero mais usar, não queria mais ser uma viciada. Até que teve um dia que eu parei.”

Infelizmente Ruth não pôde ficar na casa de Luiza por mais tempo.

“Eu pensei que fosse ficar lá pra sempre. Mas ela não tinha mais condições, não tinha mais dinheiro pra tomar conta de mim. Eu não queria ir embora, mas eu tinha que ir embora”, explica.

Hoje Ruth está numa casa de acolhida. Estuda, faz cursos (bijuteria, dança). Está cursando a 6ª série do Ensino Fundamental. Fala da diferença de sua vida anterior para a atual:

“Hoje eu me arrumo. As pessoas na rua me olham como se eu fosse eles (igual à eles). Antes eles iam atravessar a rua, pensando que eu ia roubar. Eu andava toda largada. Agora eu passo, e eles ficam, normalmente.”

Participou, na semana em que a entrevista foi realizada, de uma seleção com vários meninos e meninas para uma vaga numa empresa que oferece estágio remunerado. Foi aprovada. Ruth faz planos para o futuro, e aposta neles. É decidida. Quer aprender, quer trabalhar para ter sua casa. Seu sonho é ser cabeleireira. Afirma:

“A criança continua na rua porque acha que não tem jeito de consertar. Eu quero uma vida melhor.”

A história de Sandra, 16 anos

Sandra reside numa instituição do tipo acolhida para meninas, localizada em um subúrbio carioca. Essa Casa atende aproximadamente 25 meninas entre 6 e 16 anos de idade. A Casa tem uma sala para TV, uma sala para atividades extracurriculares e uma capela. As meninas são responsáveis pela limpeza e cada uma é responsável por uma tarefa específica.

A família de Sandra migrou do norte do país para o Rio de Janeiro e reside em uma favela na periferia da cidade. Ela tem cinco irmãs e um irmão. Sua experiência pelas ruas da cidade começou aos 9 anos de idade, impulsionada pela agressão física sofrida nas mãos do pai. Sua mãe também era alvo contínuo das suas investidas e humilhações. Com frequência, descontava sua raiva agredindo os filhos, apesar de sempre se desculpar depois dizendo que fazia isso “por causa dele...”. Sandra começa a ser incentivada pelo irmão dois anos mais velho a ir para as ruas de Copacabana. Ele já passava os dias pelas ruas engraxando sapatos e praticando pequenos furtos. Aos 10 anos Sandra desiste de vender doces ao entrar em contato com meninos e meninas mais experientes, optando por sair de casa. Seu contato com a família torna-se esporádico e todas as vezes que levou dinheiro para sua mãe, ela o

rasgava dizendo que era “dinheiro sujo”. Sandra então colava as notas rasgadas e gastava de acordo com as suas necessidades.

Para evitar o assédio de policiais e de outros adultos, Sandra começou a usar roupas largas e raspou seu cabelo, para esconder a sua feminilidade. A aparência de menino também era uma estratégia para a realização de pequenos furtos e facilitar a sua inserção nos diversos grupos (4). De acordo com o relato de Sandra, a polícia constitui o pior perigo nas ruas, pois em geral exigem dinheiro, em especial se o/a menino/a em questão foi pego/a infringindo a lei. Sandra já havia apanhado de policiais que a deixaram ir embora depois. Conta que em outras ocasiões, havia sido enviada para instituições. Isso ocorreu duas vezes aos 12 anos. A terceira internação foi aos 13, sendo que desta vez, permaneceu “presa” por quase um ano, saindo já com 14 anos de idade.

O dinheiro adquirido através de roubo ou mendicância era utilizado para comprar roupas, comida e drogas (5). Sandra relata que ia com amigos fazer comprar nos shoppings da Zona Sul. Como não tomavam banho regularmente, iam sujos e acabavam por chamar muito a atenção. Lembra com prazer a sensação de ter entrado toda rasgada e ter saído com roupas e sapatos novos. Mas como não lavam as roupas sujas, estas são jogadas fora dentro de uma semana porque, como ela diz: *“dinheiro que vem fácil, vai fácil”*.

Sandra usualmente dormia sob os coqueiros na praia de Copacabana e, quando chovia, debaixo de marquises. Se porventura o tempo estivesse muito ruim e houvesse dinheiro, Sandra e seus amigos iam para hotéis baratos perto da estação de trem, aonde podiam tomar banho e lavar as roupas. Perguntamos a ela se conversavam sobre suas famílias. “Ninguém conversava sobre nada disso”. O presente era a única preocupação, ou seja, “quem apanhou, quem causou algum problema, quem está vivo e quem vai morrer, coisas assim.” Sandra acrescenta, “... em determinados momentos era bem alegre, nós brincávamos como crianças. Mas em outras ocasiões o clima era pesado, e sentíamos que ia ter uma briga, e como não tem como separar, acaba dando em morte”.

Seis meses depois da primeira entrevista com Sandra, retornamos. Suas lembranças neste momento são marcadas por tristeza e angústia. Ela nos fala de importantes mudanças em sua vida: *“Eu estou nesta casa há nove meses, ou seja, nove meses longe de tudo, das drogas, de tudo. Eu mudei muito, agora eu estou aqui, eu me amo agora. Antes eu não ligava pra nada, se você implicava comigo, eu saía batendo, agora eu resolvo tudo através do diálogo, conversando...”*

Tendo sido perguntada sobre o que teria mudado, respondeu: *“Ah, a companhia era diferente. Nas ruas você não tem ninguém que te dê amor, apoio. Não tem ninguém pra dizer, ‘você está fazendo errado, o certo é assim...’ ou, ‘faça isso que é melhor’. Alguém pra ficar atrás de você, cuidando de você, nas ruas você não tem isso. Na rua as pessoas só falam, ‘vamos embora, faça isso e nós não nos importamos, e o que acontecer, aconteceu’. Quando nós queremos mudar e temos ‘força de vontade’ nós temos tudo que gostaríamos de ter (...) Hoje em dia eu sou assim, minha cabeça mudou muito. Eu não penso em mais nada disso. Outras pessoas aparecem e dizem: ‘ah, você era uma garota de rua’, mas essa menina não existe mais. Aqueles que ficaram nas ruas não podem dizer o mesmo, mas agora com uma casa, um lar, um lugar pra dormir e colocar a cabeça no travesseiro, não penso em mais nada disso, não sou mais uma garota de rua”.*

Perguntada de que forma as pessoas a vêem agora, conclui: *“Posso dizer que eu tenho mais amor por parte da minha mãe, o amor e o respeito da minha família, o respeito de muitas pessoas. Aqui tenho o respeito de todo mundo, desde que cheguei aqui, mas agora mais ainda. Antes eu era um João ninguém. Hoje não, agora eu mudei. Eu tenho o amor das minhas irmãs, da minha mãe. Eu sempre tive o amor da minha mãe, mas não como hoje em dia...”*

Sandra resume suas reflexões sobre seu processo de mudança, dizendo: *“Quando eu cheguei eu não sabia escrever o meu nome, agora estou indo para a 2ª série (do Ensino Fundamental). Estou no time de futebol e handball. Eu recebo auxílio extra e faço jóias. Eu vou ao psicólogo toda semana e tenho assistência médica”.* Ela demonstrou interesse em trabalhar assim que ficar mais velha para conseguir oferecer a sua mãe melhores condições de vida. Reatou os laços familiares e vê a mãe toda semana além de telefonar quase todos os dias. Em relação ao futuro afirma, *“vou ter filhos, casar, ter uma família, com minha mãe, meus filhos, meu marido e meus netos. Quem diria, já estou pensando em ter netos!”.*

As últimas notícias que temos de Sandra é que voltou a viver com sua mãe, está trabalhando e estudando.

Refletindo sobre as histórias de vida

Optamos por reconstituir as trajetórias de vida de Alan, Raí, Ruth e Sandra, pois ilustram as histórias de muitos outros, como discutire-

mos a seguir. São histórias marcadas por rupturas e uma busca constante de um lugar no mundo. De particular interesse para nós é focalizar os vínculos que estes meninos e meninas mantêm com suas famílias e os demais elos que se mostram significativos em suas vidas. Suas histórias refletem uma multiplicidade de vínculos e trajetórias, normalmente confusas, entremeadas de episódios bruscos e violentos, que aparecem numa sucessão de perdas e rompimentos de laços afetivos.

Alan, Raí, Ruth e Sandra, nasceram como quaisquer outras crianças – cheios de vontade de viver e crescer. Fazem parte do grande contingente de crianças e adolescentes em situação de pobreza no Brasil. Do total da população de zero a dezessete anos, cerca de sessenta milhões (57%) têm de zero a seis anos de idade e vivem em famílias com renda per capita de até um salário mínimo. Mais de um terço sobrevive com uma renda mensal per capita inferior a meio salário mínimo (IBGE 2000).

Segundo dados veiculados nacional e internacionalmente, depreende-se que os gastos estatais não beneficiam as famílias mais pobres. Em geral, desconsidera-se que a pobreza resulte de um modo de produção que engendra a exclusão e a desigualdade - e os custos dos serviços são altos, devido a burocracia e a ineficiência com que operam (do Banco Interamericano de Desenvolvimento, 1988).

Entretanto, a luta em defesa dos direitos das crianças e adolescentes, ao longo das décadas de 1980/90, promoveu um entendimento de sua condição de rua como parte de uma conjuntura sócio-econômica de caráter excludente. Hoje, diversos segmentos da sociedade reconhecem que essas crianças e adolescentes estão nessa situação em decorrência de uma estrutura marcada pela iniquidade.

Para se desenvolverem normalmente, Alan, Raí, Ruth e Sandra precisavam de um ambiente, ainda que simples ou pobre, onde existissem afeto, recursos básicos de alimentação e saúde, e segurança ao seu redor. Mas, como vimos, eles não encontraram facilidades na vida. Ao contrário, relatam episódios pautados por constantes adversidades e por tamanha violência que por vezes nos perguntamos como conseguiram chegar à adolescência. Para essas crianças não foram oferecidos os suportes básicos para seu desenvolvimento. Com base em seus relatos, podemos afirmar que sua ida para as ruas não foi a pior experiência de suas vidas. A saída de casa aparece, com frequência, como uma estratégia de proteção diante da dificuldade de permanecer na família ou na comunidade, onde não encontravam 'bases de apoio' necessárias ao seu pleno desenvolvimento (Rizzini, Barker, Cassaniga, 2000).

Um outro tema de grande relevância para nossa reflexão diz respeito ao significado da ida para a rua, assim como os esforços destes meninos e meninas em romper eventualmente com a vida nas ruas.

A ida para a rua representa mais do que um abandono, é também um desafio e tentativa de auto-afirmação. É importante notar que esta atitude de desafio, embora não esteja presente em todos os casos, mostra-se mais acentuada quando há ruptura com a família, ao contrário das crianças criadas nas ruas. A noção de liberdade, real ou ilusória, é um ideal de autonomia e circulação irrestrita pela cidade. O movimento de ir para a rua constitui um processo gradual e progressivo de crianças e adolescentes cujos pais e responsáveis são, em sua maioria, trabalhadores submetidos às contingências de um emprego precário, com total inexistência de proteção social. São pais, mães e responsáveis, que, via de regra, contam com muito pouco apoio na criação de seus filhos, compondo as parcelas mais vulneráveis da sociedade.

O que constatamos é que, inicialmente, a ida para a rua atende aos anseios dos jovens por liberdade e ganhos materiais, mas com o passar do tempo as situações de perigo, violência e discriminação sobrepõem-se a essas aspirações. A própria idéia de liberdade é ilusória, pois a cidade não constitui um espaço aberto de circulação, oferecendo, ao contrário, inúmeras barreiras.

Para muitas crianças e adolescentes das classes populares, o espaço da rua significa esperança, campo de trabalho, fuga de episódios de violência doméstica, sobrevivência, resistência, luta e negação do *apartheid* social, que as empurra para os guetos e favelas. Em particular, para os adolescentes, a permanência nas ruas é especialmente complicada, pois são vistos com menos tolerância por parte da sociedade, que os associa à criminalidade urbana.

De igual importância é a questão da saída das ruas, como relataram vários dos entrevistados nesta pesquisa. A história de Sandra, por exemplo, demonstrou que a atitude carinhosa e cuidadosa dos adultos é fundamental para auxiliar a criança e o adolescente a sair das ruas. Na história de Ruth, foi também possível observar uma verdadeira transformação na vida da menina, a partir do momento em que recebe a acolhida generosa de uma moça (Luiza). Pessoas dispostas a ouvir as experiências dos jovens em situação de rua e que respondem com respeito à expressão de seus desejos e dilemas, são cruciais para começar a desmistificar a fascinação pela vida nas ruas e oferecer alternativas viá-

veis. No caso específico de Sandra a convivência na Casa onde permaneceu possibilitou uma transição para uma auto-imagem positiva e o estreitamento das relações com seus irmãos e sua mãe, importantes para o seu crescimento.

Infelizmente, o caso de Sandra representa a exceção e não a regra. O desafio consiste em estabelecer programas e iniciativas que respondam as reais necessidades dos jovens. Adultos genuinamente interessados e comprometidos em ajudar os/as meninos/as, locais e serviços que realmente ofereçam oportunidades para reflexão e construção de um projeto de vida com base na motivação do/a adolescente parecem ser elementos essenciais para uma mudança de vida. A trajetória de Sandra levou-a de volta não só para o seu ambiente familiar, mas também para uma sensação positiva de si mesma e para o vislumbre de novas perspectivas para a sua história particular.

Sendo assim a motivação e a 'força de vontade' são também cruciais para a mudança de vida. Elementos estes presentes não só no discurso de Sandra, mas em todas as histórias bem sucedidas de transição para a saída das ruas. Essa 'força de vontade' está vinculada à responsabilidade pelos atos cometidos. Como salientado por Sandra, *"quando eu morava nas ruas eu falava assim: eu nasci para sofrer, para viver assim. Mas agora vejo que não era a realidade, que tudo era diferente, nós sofremos porque nós escolhemos sofrer, é simples assim, é tudo"*.

No entanto, a transição não é fácil. Sandra, Ruth, e muito outros adolescentes, relatam, por exemplo, a dificuldade de ficar sem drogas e sem cigarro. Assim como denunciam o tempo ocioso dentro das instituições, marcado pela falta de atividades e a perda da liberdade. Alguns jovens admitem realizar pequenas "fugas" a fim de satisfazer seus desejos por liberdade e cigarro, por exemplo.

As mudanças ocorridas refletem-se também na percepção de si mesmos e na percepção dos outros. Em geral, a criança em situação de rua é vista com discriminação, como malandra e sem futuro. A percepção dos outros é extremamente importante para o processo de transformação interna do/a adolescente. Assim como a discriminação, o medo e o desrespeito contribuem para um sentimento de si próprio fundamentado em baixa auto-estima e em um sentimento de raiva e rebeldia. Por outro lado, encontrar alguém em que confiem, parece essencial para promover uma mudança significativa na vida destes jovens. Nas histórias

que Sandra, Ruth e Raí relatam, referem-se a algumas passagens por instituições onde sentiram-se apoiados e respeitados. Por mais que adotem uma postura de querer apenas zoar e se divertir, como dizem alguns adolescentes, gradualmente, ao perceberem que têm *muito para crescer*, são levados a estabelecer planos para a sua vida na tentativa de mudar e reconstruir suas vidas.

A oportunidade para a reconstrução do projeto de vida constitui um dos benefícios oferecidos pela *Pedagogia de Rua*, inspirada na obra de Paulo Freire. O filósofo e pedagogo destaca o papel da *consciência crítica* e da atuação transformadora da educação através da reavaliação do relacionamento entre aluno e professor. Esta abordagem implica no conhecimento da bagagem cultural e das necessidades dos alunos, envolvendo também a necessidade de uma formulação conjunta (professor-aluno) do método de ensino. Quando essa reavaliação é feita e a metodologia aplicada, as chances de participação dos jovens aumentam consideravelmente.

Transpondo essas noções para o trabalho com meninos/as em situação de rua, o sociólogo Ricardo Luchinni considera que esse processo na rua é resultante de uma interação entre educador e criança, onde o primeiro busca identificar como o mundo da rua se insere na perspectiva da criança, e não o contrário, como habitualmente se pensa. Entender a visão possibilita a construção de estratégias conjuntas com a criança para reverter sua situação. O sistema *criança-rua* é justamente a ferramenta que Lucchini propõe para essa ação. Segundo o autor: "*O sistema criança-rua é uma ferramenta conceitual devendo permitir melhor compreender a relação que a criança mantém com o mundo da rua. Essa ferramenta deve permitir aprofundar nosso conhecimento das crianças de rua, e assim melhorar nossa capacidade para responder de maneira apropriada às situações vividas pelas crianças em situação de rua*" (Lucchini, 1993).

Concluindo: lições que podem ajudar a muitos

As histórias destes quatro adolescentes revelam diversos elementos comuns às vidas de inúmeras crianças que se encontram em situações de grande vulnerabilidade e necessitam de apoio para que possam se desenvolver normalmente. Muitas vezes, como vimos, essas ações são deflagradas pela própria família ou por pessoas da rede de relações dos pais. Isso ocorre com frequência em um primeiro momento, diante

de situações inesperadas, como os casos de abandono, morte, doença ou prisão de um ou de ambos os pais. É, neste momento particular de crise, em que pessoas se mobilizam em socorro da família, que encontramos a melhor oportunidade de um diagnóstico da situação para se estabelecer medidas de efetivo apoio e proteção à criança. No entanto, o que observamos nas histórias relatadas é que, embora os parentes e conhecidos mais próximos assumam inicialmente a responsabilidade pela (s) criança (s), por viverem em condições econômicas semelhantes, não conseguem mantê-las. É o que aconteceu no caso de Ruth, cuja avó, após ter cuidado da neta por onze anos, ao perder o apoio do companheiro, não mais dá conta de criá-la.

Vimos que em todos os casos, as pessoas e, possivelmente, organizações comunitárias próximas às crianças, não encontraram o suporte material e psicológico que necessitavam para assumir o cuidado de mais uma criança. Quem pode ser responsabilizado neste processo? A quem cabia suprir este apoio? Não teria sido mais humano, eficaz (e, inclusive menos oneroso ao Estado), entrar no circuito assim que o problema fosse deflagrado e enquanto todos estavam mobilizados a agir? A resposta é óbvia, porém sabemos que as soluções não são simples. Nosso argumento é que nas histórias trazidas, teria sido possível intervir enquanto as quatro crianças eram ainda pequeninas, provendo o suporte necessário aos adultos em seu entorno, ao invés de esperar que as crises se agravassem e as pessoas tivessem que desistir das crianças.

Vejamos o caso de Raí como exemplo. Apesar de fazermos esta reflexão baseados apenas no relato do menino, portanto desprovidos de muitas informações necessárias para uma análise mais fiel de seu percurso de vida, vários fatos de sua história são repetidos por outras crianças e nos dão suficiente material para tecermos algumas observações e hipóteses. De acordo com seu relato, ocorreram omissões e falhas que poderiam ter sido evitadas. Na verdade, perderam-se várias oportunidades de assegurar-lhe uma vida sem tantas perdas e sofrimentos. Partimos da história de sua mãe. Nada sabemos de seu passado, da sua própria vida e de sua relação com o companheiro que a maltratava. Porém sabemos que ela precisava de ajuda. Vivia com uma pessoa violenta e comprometida com membros da rede de narcotráfico. Pelo que Raí conta, as crianças não eram poupadas do cenário violento. Quantas mulheres vivem hoje exatamente este tipo de situação? Há algumas instâncias de apoio, como as delegacias de mulheres; porém isso não basta, sobretudo quando não há qualquer tipo de intervenção em outros aspec-

tos da vida da mulher, que permanece nas mesmas condições de violências múltiplas e não encontra em seu meio qualquer tipo de orientação e suporte psicológico.

Vimos que Raí, mesmo tendo à sua volta diversos familiares por ele citados, vai parar em um "orfanato". A pergunta acima se aplica. Como isso aconteceu? Diante do que viria a acontecer em sua vida em seguida, Raí considera que os anos vividos na instituição foram os "mais felizes" de sua vida. Presume-se que a "amiga da mãe" citada por ele, bem como sua tia e avós, faziam parte da vida de Raí e de seus irmãos. Porque não receberam apoio para de fato assumi-los? Quanto não custou ao Estado manter as crianças internadas por anos, crescendo com uma identidade de abandono e orfandade?

A exemplo da trajetória de Raí, complementada com as histórias de vida de Alan, Ruth e Sandra, concluímos que além dos problemas de pobreza estrutural que afetam diretamente as vidas de crianças que nascem em condições semelhantes, há uma série de distorções no sistema de proteção e garantia de direitos das crianças que precisam ser revistas. São problemas causados pela falta de planejamento efetivo na área das políticas e das práticas voltadas para a população que necessita de apoio, e pela falta de clareza nas atribuições de cada um dos órgãos e dos profissionais envolvidos. É preciso rever responsabilidades, papéis e atribuições das instâncias, bem como dos profissionais em suas diferentes funções, envolvidos no sistema de atenção e apoio as famílias e seus filhos, evitando que as crianças que nascem na pobreza, cumpram os destinos acima relatados e enunciados como se fossem predeterminados de forma cruel e injusta.

Referências bibliográficas e bibliografia de apoio

- AMNESTY INTERNATIONAL. *Humankind owes the child 'the best it has to give'*. AI Index: ACT 76/14/1999.
- BANCO Interamericano de Desenvolvimento. Report, mimeo, 1988.
- CASTRO, Monica Rabello de. *Retóricas da rua: educador, criança e diálogos*. Rio de Janeiro: EDUSU- AMAIS editora -CESPI/USU, 1997.
- CIESPI. *A rua no ar: histórias de adolescentes*. Rio de Janeiro: CIESPI, Fondation Terre des hommes, Rede Rio Criança, 2003.
- FAUSTO, Ayrton; CERVINI, Ruben. (Eds.). *O Trabalho e a Rua: Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

- FENELON, Grácia Maria; MARTINS, Leila Chalub; DOMINGUES, Maria Hermínia M. S. *Meninas de rua: uma vida em movimento*. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: Editora ABEU, 1992.
- GREGORI, Maria Filomena. *Viração: experiências de meninos nas ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GARBARINO, James. *Raising children in a socially toxic environment*. San Francisco: Jossey-Bass, 1995.
- HECHT, Tobias. *At home in the street: street children in Northeast Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- IBGE. Indicadores sociais para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- LUCCHINI, Ricardo. *Niño de la calle: Identidad, sociabilidad, droga*. Barcelona: Los Libros de la Frontera, 1999.
- LUCCHINI, Ricardo. *O 'sistema criança-rua': uma ferramenta conceitual para a compreensão e para a intervenção*. São Paulo: Mimeo, 1993.
- LUSK, M and MASON, D. *Fieldwork with Rio's street children*. In RIZZINI, Irene (Ed.) *Children in Brazil today: a challenge for the third millennium*. Rio de Janeiro: EDUSU-CESPI/USU, 1994.
- MNMMR/IBASE/NEV-USP. *Vidas em risco: assassinatos de crianças e adolescentes no Brasil*. Rio de Janeiro: MNMMR/IBASE/NEV-USP, 1991.
- RIZZINI, Irene. *Crianças, adolescentes e suas bases familiares: tendências e preocupações globais*. In.: SOUZA, Sônia M. G. e RIZZINI, Irene. *Desenhos de família. Criando filhos: a família goianiense e os elos parentais*. Goiânia: Cãnone editorial, 2001.
- RIZZINI, Irene, BARKER, Gary, CASSANIGA, Neide. *Criança não é risco, é oportunidade*. Fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: CESPI/USU, Instituto PROMUNDO, 2000.
- RIZZINI, Irene, BARKER, Gary, CASSANIGA, Neide. *From street children to all children: improving the opportunities of low income urban children and youth in Brazil*. Rio de Janeiro: CESPI/USU, 1998.
- RIZZINI, Irene, BARKER, Gary, ZAMORA, Maria Helena (Orgs). *Crianças, adolescentes, família e políticas sociais: para além do faz-de-conta*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, Revista do Departamento de Serviço Social, O Social em Questão, v. 7, nº 7, Ano VI, 2002.
- RIZZINI, Irene e BUTLER, Udi Mandel. *Experiences of the street: children and adolescents on the streets of Rio de Janeiro*. USA: John Jay College of Criminal Justice, Nova York: 2004.

- _____. *Word on the street: children and adolescents living on the streets of Rio de Janeiro*. Human Rights Centre, Essex University, UK, 2003.
- _____. *Young people living and working on the streets of Brazil: revisiting the literature*. USA: University of South Florida, International Journal of Educational Policy, Research and Practice, 2001.
- RIZZINI, Irene et al (LUCCHINI, Riccardo; STOECKLIN, Daniel; BUTLER, Udi M., CALDEIRA, Paula; MARTINS, Aline; SOARES, Alexandre B.). *Vida nas ruas - crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* Rio de Janeiro: Loyola Ed., Ed. Puc-Rio, F. Terre des hommes, CIESPI, 2003.
- RIZZINI, Irene e RIZZINI, Irma. *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Loyola Ed., Ed. Puc-Rio, UNICEF, CIESPI, 2004.
- STOECKLIN, Daniel. *Metodologia de pesquisa qualitativa junto às crianças em situação de rua (ESR)*. São Paulo: Mimeo, 2000.
- VOGEL, Arno; MELLO, M. S. *Da casa a rua: a cidade como fascínio e descaminho*. In FAUSTO, A; CERVINI, R. (Eds.) *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

Notas

- (1) A pesquisa intitulada "Crianças e adolescentes em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro" foi desenvolvida pelo Centro Internacional de Estudos e Pesquisas Sobre a Infância (CIESPI, em convênio com a PUC-Rio) em parceria com a Rede Rio Criança e com apoio da Fondation Terre des Hommes. Foram realizadas no total 60 entrevistas com 67 crianças entre 8 e 19 anos em todas as regiões da cidade. Esta pesquisa envolveu cerca de 120 pessoas, entre crianças, adolescentes, pesquisadores, estagiários, educadores e representantes das instituições da Rede Rio Criança. Diversas publicações resultaram deste estudo, entre elas, os livros: "Vida nas ruas" e "Rua no ar: histórias de adolescentes" (2003). Os demais títulos encontram-se na bibliografia ao final do texto (Rizzini e Butler).
- (2) As entrevistas foram abertas e gravadas. Em um roteiro orientador, foram abordadas questões referentes à vida familiar, vida nas ruas, vida institucional, laços afetivos e perspectivas de futuro. A escolha de quem seria entrevistado deu-se a partir de dois critérios simples: estarem na faixa etária entre 12 e 18 anos e desejarem relatar suas

histórias, traçando o caminho que os levou até o momento em que se encontravam. Todos os nomes usados são fictícios, preservando a identidade dos adolescentes.

- (3) Sobre os direitos da criança e do adolescente, ver: Convenção das Nações Unidas pelos Direitos das Crianças (1989), Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Sobre convivência familiar e comunitária e cultura institucional no Brasil, ver Rizzini & Rizzini, 2004.
- (4) Essa estratégia de se disfarçar de menino é observada entre as meninas que não têm namorado. Quando elas estão envolvidas em algum relacionamento 'mais sério', os namorados então passam a atuar como os seus protetores.
- (5) As drogas mais utilizadas por estes meninos e meninas são maco-nha, cocaína, cola e 'thinner' (tinta a base de etanol, muito comum nas ruas do Rio de Janeiro, por ser mais barata que a cola).